



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação
X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**
**16 a 19 de
Setembro**
IFPA Campus Bragança

Subjetivação da natureza nos escritos de Dalcídio Jurandir

Autora: Maria Eloísa Santiago da Costa¹

Co-autor: Rodrygo Rocha Macedo²

Área do conhecimento/Subárea: 07 - Ciências Humanas/Filosofia

ODS vinculado: 04 - Educação de qualidade

Resumo

Os escritos do romancista Dalcídio Jurandir (1909-1979) retratam o cotidiano social do Marajó, local em que nasceu, tal como vegetações amazônicas, saberes e linguagens populares. No romance *Marajó* (1949), são levantadas questões sobre a realidade do povo marajoara no século XX, tradicionalmente associado às suas vegetações exuberantes e saberes populares, as quais não são comumente exploradas por trabalhos de filosofia. A análise dos escritos de Jurandir que tratam das descrições naturais foram observadas, neste trabalho, partir das referências de dois filósofos. O primeiro é Tales de Mileto (624-548 a. C.), que admitia a água como fundamento do universo e meio essencial para a existência humana. O segundo filósofo é Arthur Schopenhauer (1788-1860), que define que o ambiente natural para o mundo. O estudo propõe que a natureza, pode subsistir sem a humanidade, como forma de nos mostrar que a natureza é um ser, enquanto o ser humano é um malefício a ela. A pesquisa admite que as escritas, em contextos amazônicos, traz à tona funções da imagem do Marajó: preservar histórias não documentadas, questionar esquecimentos e servir como arquivo escrito e material. A conclusão é que, embora as visões do ambiente cumpram a função de testemunho, a escrita reatualiza seu potencial material para estudo filosófico.

Palavras-chave: natureza, Marajó, Dalcídio Jurandir, Tales de Mileto, Arthur Schopenhauer

Introdução

O cotidiano da Ilha do Marajó a partir do trânsito de pessoas pelas vias fluviais comunidades ribeirinhas está materializado em suas escritas, assim como a natureza e sua importância para sobrevivência humana, demonstrando que esta mesma natureza possui vida que deve ser conservada. Um dos modos da preservação das atividades vitais se dá através de falas de seus habitantes, que evidenciam o grau de presença da natureza no cotidiano marajoara. As cenas ditadas quase sempre têm como tema principal a paisagem da floresta amazônica ou as atividades

¹ Estudante do Curso de Meio Ambiente Integrado ao Nível Médio - 3o Ano, Instituto Federal do Pará - Campus Breves; colaboradora voluntária do Projeto *Filosofia da natureza e as origens do debate ambiental* (Edital 09/2024-IFPA/FAPESPA). E-mail: marelo2108@gmail.com.

² Professor de Filosofia do Instituto Federal do Pará - Campus Breves. Coordenador do Projeto *Filosofia da natureza e as origens do debate ambiental* (Edital 09/2024-IFPA/FAPESPA). E-mail: rodrygo.macedo@ifpa.edu.br.



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**

**16 a 19 de
Setembro**

IFPA Campus Bragança

cotidianas ocorridas em famílias. A escrita de Dalcídio Jurandir consegue oferecer uma noção do cotidiano das populações ribeirinhas do Marajó, o qual ainda não explorado pelo trabalho filosófico. A situação dada traz uma pergunta: como a literatura de Dalcídio Jurandir pode ajudar na compreensão do conceito de natureza encontrado na Filosofia? A visão literária do escritor marajoara se aproxima ou se afasta das noções filosóficas a respeito do mundo natural? Estas perguntas foram analisadas com a leitura e pesquisa das visões de dois filósofos. O primeiro foi de Tales de Mileto. Para o filósofo citado, a natureza teria como princípio a água (Laértios, 2008, p. 19). A Água não é um simples objeto para a existência humana, mas um meio essencial tanto para os seres vivos. A visão de Tales de Mileto nos ajuda a compreender melhor a água na natureza como um todo e sua presença na nossa vida nos mínimos detalhes. Sua visão ajuda também a solucionar a questão de como Marajó possui seu cotidiano fundado na importância pela água.

O segundo filósofo que dialoga a temática é Arthur Schopenhauer, em que ele expressa a existência de uma “vontade” constitutiva das plantas, animais e mundo inorgânico (Schopenhauer, 2014). O filósofo propõe uma visão do mundo natural como fosse portador de decisões do campo moral. Porém, essa moral não é tão evidente para os seres humanos, visto que o conjunto de ações da natureza compõem uma “vontade” que se situa além da percepção humana. O filósofo explica que há pontos de conexão entre a vontade do ser humano e a vontade da natureza que precisam ser desvendados.

Os dois pensadores mencionados foram utilizados para sustentar as passagens da obra *Marajó*, Dalcídio Jurandir, que descrevem a natureza, quando afirma que “o rio ao sol parecia com febre” (Jurandir, p. 14) ou que o rio era “acolhedor” (Jurandir, 1992, p. 62). Do mesmo modo, a passagem “a terra lhe transmitia uma espécie de estupidez amorosa e invencível” (Jurandir, 1992, p. 14) ou que as árvores eram “inquieta” (Jurandir, 1992, p.76), indicam uma personalização do elemento natural.

Metodologia

A pesquisa é teórica sobre os temas discutidos no *Filosofia da natureza e as origens do debate ambiental*. As obras consultadas são as dos autores citados, bem como sua tradução em português. O trabalho apresenta um exemplo de aproximação da literatura em sua expressão regional a temas da pesquisa filosófica. A investigação é teórica, sendo obtida da comparação entre o texto de Dalcídio Jurandir sobre a descrição do território, formado pelos elementos dos campos, rios e florestas, com as teorias da metafísica da natureza legadas por Tales de Mileto e Arthur Schopenhauer.

Resultados e Discussão

A análise do livro de Dalcídio Jurandir juntamente com estudos filosóficos sobre sua visão da natureza traz a realidade do convívio do povo marajoara com os elementos naturais. A análise dos escritos de Dalcídio Jurandir sobre o cotidiano social e ambiental do Marajó revela uma profunda interação entre natureza e cultura, muitas vezes negligenciada pela filosofia tradicional. Ao



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação
X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**
**16 a 19 de
Setembro**
IFPA Campus Bragança

examinar suas descrições da paisagem amazônica e dos saberes locais à luz das filosofias de Tales de Mileto e Arthur Schopenhauer, este estudo demonstra que a natureza não é apenas paisagem, mas ator e agente, podendo ser expressa na Filosofia e na narrativa literária.

Tales de Mileto, ao admitir o princípio universal residente na água, encontra paralelos na obra de Jurandir, para quem os rios e afluentes do território marajoara são elementos estruturantes e definidores da realidade local. Já Schopenhauer, ao conceber a natureza como força autônoma com vontade própria, reforça a ideia de que o ambiente amazônico age independente das decisões dos humanos que o habitam, questionando a visão antropocêntrica dominante.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPG) e ao Instituto Federal do Pará (IFPA) pelo apoio institucional, bem como ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo incentivo e fomento à pesquisa.

Referências

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. Belém: CEJUP, 1992.

LAÊRTIOS, Diógenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a vontade na natureza*. Porto Alegre: LP&M Editora, 2014.